

ARISTÓTELES

CATEGORIAS





Aristóteles

CATEGORIAS

título original | KATEGORIA

autor | ARISTÓTELES

tradução | SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

capa | MIMÉTICA

imagem da capa | REMBRANDT VAN RIJN: ARISTÓTELES E HOMERO

paginação | MIMÉTICA

copyright | 2019 © MIMÉTICA PARA A PRESENTE TRADUÇÃO

ESTA EDIÇÃO RESPEITA O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Índice

ADVERTÊNCIA

PARTE 1 — EQUÍVOCO, UNÍVOCO E COGNOMINADO

PARTE 2 — LOCUÇÕES LIGADAS E DESLIGADAS

PARTE 3 — CATEGORIA E OBJETO

PARTE 4 — CATEGORIAS DOS OBJETOS DO PENSAMENTO

PARTE 5 — ESSÊNCIA

PARTE 6 — QUANTIDADE

PARTE 7 — RELAÇÃO

PARTE 8 — QUALIDADE

PARTE 9 — AÇÃO E PAIXÃO

PARTE 10 — QUATRO TIPOS DE OPOSIÇÃO

PARTE 11 — AINDA OS CONTRÁRIOS

PARTE 12 — PRIORIDADE

PARTE 13 — SIMULTANEIDADE

PARTE 14 — SEIS TIPOS DE MOVIMENTO

Advertência

Uma das partes mais essenciais do Curso de Preleções Filosóficas, que estou atualmente publicando, é a Exposição e Análise das Obras escolhidas dos principais Filósofos, Oradores e Poetas; tanto antigos, como modernos, sagrados e profanos, segundo anunciei no Programa que precedeu a publicação das mesmas Preleções.

Ninguém, que com reflexão tenha lido os Filósofos dos antigos e modernos tempos, poderá negar a Aristóteles a primazia sobre todos eles. E portanto as suas Obras deviam ser naturalmente as primeiras, que figurassem nesta como Biblioteca de Filosofia, que tenho empreendido.

Mas se não precisa de justificação a homenagem que assim tributo às Obras de Aristóteles, precisa-o tanto mais a novidade da forma, em que aparecem na presente tradução; novidade, que deve parecer à primeira vista um total transtorno do texto do Autor. Porém este transtorno, que é na verdade grande quanto à ordem da escrita, em nada altera, nem a ordem das ideias, nem a da leitura. Porquanto, se começando nós a ler o texto na Primeira Parte pela primeira palavra *Equívocos* (que é também a primeira no Original) passarmos da palavra *diferente* à Explicação n.º 1, na Segunda Parte; e, lida ela, voltarmos ao segundo § da Primeira Parte: *Unívocos porém, etc.*; e assim continuarmos, passando alternativamente do Texto às Explicações, que os números, ou os asteriscos indicam, e destas ao Texto; ninguém que com os olhos no Original grego nos escutasse, poderia suspeitar que nele se houvesse feito a menor alteração.

Consiste pois esta unicamente em separar, à maneira de Notas, toda aquela parte do texto original, que não acrescenta nada ao que fica dito, e só serve para exemplificar, ou aclarar por qualquer outro modo, o que precede: sem que este novo arranjo violente a ligação de uma e outra coisa: nem eu tenha para isso omitido, acrescentado, ou substituído palavra alguma, do Original, pois antes as conservei na ordem da Sintaxe, que cada uma delas ali ocupa.

Duas são as vantagens, que me parecia seguirem-se desta disposição: primeira, tornarem-se mais sensíveis e percutíveis as doutrinas do Autor;

segunda, convidar mais a lerem-se, e facilitar o consultarem-se Obras, que se por algum tempo jazeram em uma espécie de injusto esquecimento e por não lidas, experimentaram um tanto mais injusto desprezo, isso derivou em grande parte do fastio que causava aquela multiplicidade de explicações, que interrompem a cada passo o fio das ideias.

Quisera eu que o texto grego aparecesse em frente desta tradução, tanto para excitar a Mocidade ao estudo da Língua Grega, que no meu conceito constitui o mais glorioso momento da perfeição do Espírito humano, como também porque, devendo esta tradução abundar em defeitos inevitáveis, pelo pouco tempo em que sou obrigado a fazê-la e publicá-la, conviria muito que a facilidade de a cotejarem com o texto, oferecesse aos inteligentes o meio de corrigirem as faltas, que nela não pode deixar de haver em grande número, e muitas vezes de grande nota.

Por maior porém que fosse este meu desejo, não me foi possível satisfazê-lo, já porque neste nascente Estado faltam os meios para se fazer uma correta edição de um texto grego, logo que exceda a certos e muito acanhados limites; já porque a carestia excessiva dos materiais e da mão-de-obra tomaria inútil para a maior parte das pessoas, a cujo uso este meu trabalho é dirigido, uma obra, que tendo unicamente em vista a instrução da Mocidade, deve estar ao alcance até daqueles mesmos que não gozam de avultados bens de fortuna.

Talvez se ofereça mais favorável conjuntura que me permita fazer ao Público, serviço menos imperfeito neste mesmo género. E certamente a saberei aproveitar se os meus Amigos e em geral todos aqueles a quem estes ensaios para o incitamento dos bons estudos interessam, me ajudarem com as suas observações e conselhos.

Resta-me advertir que para esta tradução me servi da edição das Obras de Aristóteles dada por Isaac Casaubono, e impressa em Leão, na Oficina de Jacob Bubon, no ano mil quinhentos e noventa, em dois volumes *in fólho*.

Parte 1 — Equívoco, Unívoco e Cognominado

1. Equívocos diz-se das coisas que têm somente o nome comum, mas a razão desse nome diferente. *Animal* tanto o é o homem, como aquele nome escrito. Entretanto não têm de comum senão o nome, mas a razão desse nome é diferente para cada um deles. Porquanto, se alguém houver de dar razão de se aplicar o nome de *animal* a cada qual deles, para cada um há de dar uma razão particular.

2. Unívocos porém diz-se das coisas que não somente têm o nome comum, mas também a razão desse nome idêntica. *Animal* tanto o é o homem, como o boi, porque ambos eles se designam pelo nome comum de *animal*. E até mesmo a razão desse nome é idêntica para ambos. Porquanto, se alguém houver de dar a razão, porque qualquer deles é *animal*, deve dar uma e a mesma razão.

3. E cognominados diz-se das coisas que, tendo a terminação diferente, têm contudo as atribuições, que esse nome designa, idênticas. Exemplo, de Gramática, Gramático, de Valor, Valoroso.

Parte 2 — Locuções Ligadas e Desligadas

4. Das locuções, umas exprimem-se ligadas, outras desligadas. Umas ligadas como: *o homem corre, o homem vence*. Outras desligadas, como: *Homem, Boi, corre, vence*.

5. Das coisas, umas dizem-se de algum objeto, mas não estão em nenhum objeto. Exemplo: *Homem* diz-se de algum objeto, isto é, de algum determinado homem, mas não está em nenhum objeto.

6. Mas outras, sim, estão em algum objeto, mas não se dizem de nenhum objeto. Digo que *está em algum objeto*, o que sem ser parte dele, não pode existir fora dele. Exemplo: A Ciência gramatical de alguém está em algum objeto, que é a alma, mas não se diz de nenhum objeto. A brancura de algum determinado corpo está em algum objeto, isto é, nesse mesmo corpo, mas não se diz de nenhum objeto.

7. E outras não só se dizem de algum objeto, mas também estão em algum objeto. Exemplo: a Ciência está em algum objeto, que é a alma, e diz-se de algum objeto como por exemplo, da Gramática.

8. Outras, enfim, nem estão em nenhum objeto, nem se dizem de nenhum objeto. Exemplo: um determinado homem, um determinado cavalo, porque nenhum destes está em nenhum objeto, nem se diz de nenhum objeto.

9. Em geral, tudo o que é indivisível, e um em número, não se diz de nenhum objeto, mas nada obsta a que algumas coisas tais possam estar em algum objeto. Porque a ciência gramatical de alguém é daquelas coisas que se acham em um objeto, e contudo não se diz de nenhum objeto.

Parte 3 — Categoria e Objeto

10. Quando se diz de um objeto que ele é compreendido em alguma categoria, tudo o que se diz da categoria, se há de também dizer do objeto. Exemplo: na categoria de *Homem* compreende-se um determinado homem. E na de *Animal*, compreende-se o *Homem*. Logo um determinado homem compreende-se na categoria de *Animal*, porque esse determinado homem é *Homem* e *Animal*.

11. As coisas que são heterogêneas entre si, e umas não são espécies das outras, também têm diferenças específicas heterogêneas entre si. Exemplo: as de *Animal* e as de *Ciências*. Porque as diferenças de *Animal* são réptil, bípede, volátil e aquátil. Ora, as de *Ciência* não são estas, porque nenhuma *Ciência* difere de outra *Ciência* em ser bípede.

12. Mas naqueles gêneros, que são subordinados uns aos outros, nada obsta a que tenham as mesmas diferenças. Porque os gêneros principais são categorias, que contêm as subalternas.

13. Assim que quantas forem as diferenças da categoria, tantas serão as do objeto.

Parte 4 — Categorias dos Objetos do Pensamento

14. As locuções desligadas ou designam essência, ou quantidade, ou qualidade, ou relação, ou lugar ou tempo, ou estado, ou ação permanente, ou ação transeunte, ou paixão. Essência, para o dizer com exemplos, é como *Homem, Cavalo*. Quantidade. Exemplo: de dois côvados, de três côvados. Qualidade. Exemplo: *Branco Gramático*. Relação. Exemplo: *Dobrado, Metade, Maior*. Lugar. Exemplo: *Na praça, no Liceu*. Tempo. Exemplo: *Ontem, Anteontem*. Estar. Exemplo: *Está recostado, Está sentado*. Ação permanente. Exemplo: *Calçar-se, Armar-se*. Ação transeunte. Exemplo: *Cortar, Queimar*. Paixão. Exemplo: *Ser cortado, Ser queimado*.

15. Cada locução de per si não exprime, nem afirmação, nem negação. Porém, mediante a ligação de umas com as outras, resulta afirmação ou negação, porque toda a afirmação ou negação é julgada verdadeira ou falsa. Mas das locuções desligadas nenhuma é verdadeira, nem falsa. Exemplo: *Homem, Branco, corre, vence*.

Parte 5 — Essência

16. Primitiva e principalmente, chamasse essência primária aquela que nem se diz de nenhum objeto, nem está em nenhum objeto. Exemplo: um determinado homem, um determinado cavalo.

17. E chamam-se essências secundárias, tanto as espécies, a que pertencem as essências primárias, como os géneros dessas mesmas espécies. Exemplo: um determinado homem é compreendido na espécie *Homem*, e o género desta espécie é *Animal*. São pois as essências secundárias tais, como *Homem* e *Animal*.

18. Do que fica dito se segue que tudo o que se diz de um objeto, é necessariamente categoria dele, não só quanto ao nome, mas também quanto à razão do nome. Exemplo: um determinado homem é um determinado objeto, que se compreende na categoria de *Homem*, primeiramente quanto ao nome, porque de qualquer determinado homem se diz ser *Homem*, e em segundo lugar, a razão categórica de *Homem* é aplicável a qualquer determinado homem, porque qualquer determinado homem é *Homem* e *Animal* e, portanto, é categoria do objeto, não só quanto ao nome, mas também quanto à razão do nome.

19. Mas as coisas, que estão em algum objeto, pela maior parte não são categorias do objeto, nem quanto ao nome, nem quanto à razão do nome.

20. Porém algumas podem-no talvez ser quanto ao nome, posto que jamais o podem ser quanto à razão do nome. Exemplo: a brancura, que está em um objeto (qual é o corpo) é categoria em que se compreende o corpo, porquanto o corpo se diz branco, mas a razão categórica de brancura não é aplicável ao corpo.

21. Todas as outras coisas, ou se dizem das essências primárias, como de outros tantos objetos, ou estão nelas, como em outros tantos objetos. Isto se faz manifesto da consideração de cada uma das coisas per si, por exemplo: *Homem* contém-se na categoria de *Animal* e, por conseguinte, também qualquer determinado homem se conterà nessa mesma categoria, porque se algum determinado homem se não contém nela, então também se não compreenderá o *Homem* em geral. Do mesmo modo a cor existe no corpo, e logo também em qualquer determinado corpo porque, se não existe em algum corpo, então também não existe no corpo em geral. E, portanto, todas as outras coisas ou se dizem das essências primárias, como de outros muitos objetos, ou estão nelas, como em outros tantos objetos.

22. De modo que, não existindo as essências primárias, seria impossível existir nenhuma das outras.

23. Ora, das essências secundárias a espécie é mais essência do que o género. Porque está mais próxima à essência primária. Porquanto, querendo-se designar o que seja uma essência primária, se designará mais clara e propriamente apontando-se a sua espécie, do que o seu género. Por exemplo: querendo-se designar o que seja um determinado homem, se designará mais claramente, dizendo-se que é *Homem*, do que dizendo-se, que é *Animal*. Porque aquela primeira designação é mais própria desse determinado homem, entretanto que esta é mais comum. E querendo-se designar uma determinada árvore, se designará mais claramente, dizendo-se ser uma árvore, do que dizendo-se ser um vegetal. Além disso, as essências primárias não se dizem principalmente essências, senão porque são objetos de todas as outras coisas, e todas as outras coisas são categorias, em que elas se contêm.

24. O que as essências primárias são a respeito de todas as outras coisas, isso mesmo é cada espécie a respeito do género. Porque a espécie passa a ser objeto relativamente ao género, visto que a espécie se compreende na categoria do género e não inversamente o género na da espécie. E, por isso também, é a espécie mais essência do que o género.

25. De duas espécies, das quais nenhuma é género da outra, também nenhuma é mais essência do que a outra. Por isso que, querendo-se

designar um determinado homem, não se denotará mais propriamente dizendo que é *Homem*, do que se, querendo-se dizer um determinado cavalo, se dissesse *Cavalo*.

26. O mesmo é das essências primárias, que nenhuma delas é mais essência do que outra. Porque um determinado homem não é mais essência do que um determinado boi.

27. Com razão, pois, entre todas as coisas, que não são as essências primárias, somente os gêneros e as espécies se denominam essências secundárias. Porque de todas as categorias, em que a essência primária se compreende, nenhuma a designa tão bem, como os gêneros e as espécies. Porquanto, se se quiser designar o que é um determinado homem, designar-se-á com propriedade denotando-se a sua espécie, ou o seu gênero, e designar-se-á mais claramente dizendo-se que é *Homem* ou *Animal*. Mas se se apontasse qualquer outra coisa, designar-se-ia de um modo estranho, como se se dissesse *ser branco*, ou que *corre*, ou outra coisa semelhante. Por onde com razão, de entre todas as coisas, a elas só se lhes tem dado o nome de essências. E mesmo as essências primárias não se chamam com especialidade essências, senão porque são objetos, que se compreendem em todas as outras coisas, como em outras tantas categorias.

28. O que as essências primárias são a respeito de todas as outras coisas, isso mesmo são a respeito de tudo o mais, os gêneros e as espécies, a que as mesmas essências primárias pertencem. Porque todas as outras coisas são outras tantas categorias em que elas se contêm. Porquanto, assim como de um determinado homem é que diremos ser gramático, assim também do que é homem, do que é animal, é que diremos ser gramático. O mesmo acontece em tudo o mais.

29. É comum a todas as essências o não estarem em nenhum objeto. Porque as essências primárias nem estão em nenhum objeto, nem se dizem de nenhum. E quanto às secundárias também é claro, que nenhuma delas está em objeto algum. Pois homem, sim, se diz de algum objeto, que é qualquer determinado do homem, mas não está em nenhum objeto, porque homem não está em nenhum determinado homem. Do mesmo modo,

animal, sim, se diz de algum objeto, que é qualquer determinado homem, mas animal não está em nenhum determinado homem. Além disso, as coisas, que estão em algum objeto, nada obsta a que sejam categorias dele quanto ao nome, mas, quanto à razão do nome, é impossível que o sejam.

30. Ora as essências secundárias são categorias do objeto, não só quanto ao nome, mas também quanto à razão do nome. Porque a razão categórica de homem é aplicável a qualquer determinado homem, e do mesmo modo a razão categórica de animal. De tudo o que se segue, que nenhuma essência pode ser do número das coisas, que estão em algum objeto.

31. Mas isto não é particular às essências, porque também as diferenças são do número das coisas, que não estão em nenhum objeto. Porque o ter pés, e o ser bípede, diz-se do homem, como objeto, mas não está em nenhum objeto, porquanto não está no homem o ter pés, nem o ser bípede.

32. E as diferenças são categorias do objeto a que se referem, até mesmo quanto à razão do nome. Exemplo: se se diz do homem o *ter pés*, é porque ao homem é aplicável a razão categórica desta expressão, pois que o homem é um animal dotado de pés.

33. Nem nos faça confusão o estarem as partes das essências nos todos a que pertencem, de modo que nos julguemos obrigados a dizer, que elas não são essências. Porquanto, nós não dissemos que as coisas, que estão em algum objeto, existem em algum, como partes dele.

34. Verifica-se, pois, tanto nas essências, como nas diferenças, que todas as outras coisas derivam delas os seus nomes de uma maneira unívoca. Porque todas as categorias, que delas se derivam, ou compreendem indivíduos ou espécies, visto que das essências primárias se não deriva nenhuma categoria, sendo assim que se não dizem de nenhum objeto. E quanto a aquelas, que se derivam das essências secundárias, a espécie compreende os indivíduos, e o género compreende as espécies e os indivíduos. Do mesmo modo, as diferenças fornecem outras tantas categorias, em que se compreendem as espécies e os indivíduos. Além

disso, a razão categórica, tanto das espécies, como dos géneros, é aplicável às essências primárias, porque tudo o que se diz do objeto se há de também dizer das categorias, em que ele se compreende. Semelhantemente a razão categórica das diferenças é aplicável às espécies, e aos indivíduos. Ora unívocos eram os que tinham o mesmo nome, e a razão do nome idêntica. Logo todas as coisas, que se compreendem nas categorias das essências e das diferenças, tiram delas os seus nomes de uma maneira unívoca.

35. Toda a essência parece significar *o que alguma coisa é*. E quanto às essências primárias, é verdade indubitável que significam o que alguma coisa é. Porque cada uma delas significa um objeto indivisível, e um em número. Quanto às essências secundárias, sim, parece, pela forma do seu enunciado, que também significam o que alguma coisa é, como quando se diz: *Homem, Animal*; mas isto é mera aparência, porque tais expressões denotam antes *qual seja* a coisa a que se referem; nem se aplicam a um só objeto, como as essências primárias. Porquanto *Homem, Animal*, dizem-se de muitos. Contudo, não denotam uma simples qualidade. Como *Branco*, que nada mais significa do que uma simples qualidade.

36. Assim que tanto a espécie, como o género, determinam as qualidades das essências, porque determinam, de uma dada essência, *qual* ela seja.

37. Mas esta determinação é mais ampla no género do que na espécie. Porquanto, quem diz *Animal*, abrange a mais, do que quem diz *Homem*.

38. Também se verifica nas essências, o não terem nada que lhes seja contrário. Porque quanto às essências primárias, que é o que lhes poderia ser contrário? Por exemplo: um determinado homem? a um determinado animal? Sem dúvida que nada lhes é contrário. Tão pouco têm contrário *Homem*, ou *Animal*.

39. Mas isto não é particular às essências, mas também se verifica em muitas outras coisas, como nas *quantidades*. Porque a *ser de dois côvados* ou a *ser de três côvados* nada é contrário, bem como nem a dez, nem a outra nenhuma coisa semelhante. Exceto se alguém disser, que muito é

contrário a pouco, e grande a pequeno. Mas às quantidades determinadas nada é contrário.

40. Parece outrossim, que as essências não são suscetíveis de mais, nem de menos. Eu não digo que não há uma essência mais ou menos essência do que outra, porque isso já fica ensinado afirmativamente. O que eu digo, é, que cada uma das essências, isso que é, não se pode dizer que o é mais, nem menos. Por exemplo, se a essência de que se trata é um homem, não pode ser mais, nem menos homem do que ele mesmo, nem tão pouco mais ou menos homem do que outro, pois um homem não- é mais homem do que outro, do mesmo modo que uma coisa branca pode ser mais ou menos branca do que outra; ou uma coisa formosa, pode ser mais ou menos formosa do que outra, e até cada uma delas em si mesma mais e menos; por exemplo, um corpo que é branco diz-se agora mais ou menos branco do que antes; um que está quente, diz-se estar mais ou menos quente. Mas as essências não se dizem ser nem mais nem menos essências, porque se não diz que um homem seja agora mais ou menos homem do que antes. E assim todas as demais coisas, que se chamam essências. Donde se segue, que nenhuma essência é suscetível de mais nem de menos.

41. Porém, o que principalmente parece ser particular às essências, é, que um e o mesmo indivíduo é suscetível de ser em um tempo o contrário do que era em outro tempo. Que é o que jamais se pode verificar em nenhuma outra coisa, que não for essência, porque, apesar de ser uma em número, nem por isso é suscetível de contrário, por exemplo: uma determinada cor, apesar de ser uma em número, não pode ser branca e preta; uma e a mesma ação, apesar de ser uma em número, não pode ser boa e má, e assim em todas as demais coisas, que não são essências. Porém, as essências, sendo cada qual delas uma e a mesma em número, são suscetíveis de estados contrários. Por exemplo, um determinado homem, sendo um e o mesmo, ora é branco, ora denegrido, ora está quente, ora frio, ora é mau, ora é bom. Porém, nada disto parece verificar-se em nenhuma das outras coisas. Exceto se alguém quisesse insistir dizendo que o discurso e a opinião são suscetíveis de contrariedade, porque parece, que um mesmo e determinado discurso pode ser verdadeiro e falso. Por exemplo: se fosse verdade o dizer-se que alguém está sentado,

logo que ele se levante, este dito passa a ser falso. E o mesmo é de qualquer opinião, porque se alguém julgasse com verdade que outrem estava sentado, logo que este se levantasse, julgaria erradamente, formando a respeito dele o mesmo juízo. Porém, ainda admitindo isso, há total diferença quanto ao modo. Porque, quanto às essências, elas não são suscetíveis de estados contrários, senão quando mudam, como, por exemplo, o que está frio, depois de ter estado quente, passou por uma mudança; o que está denegrido, depois de ter sido branco, varia; bem como o que é bom, depois de ter sido mau. E assim de todas as outras, que só admitem estados contrários, quando experimentam mudança. Mas o discurso e a opinião ficam absolutamente imutáveis, e passam a ser o contrário do que eram, quando muda o objeto a que se referem, como o dito de que alguém está sentado fica sempre sendo o mesmo, e só pela mudança de sujeito é que ora é verdadeiro e depois falso. O mesmo se pode dizer da opinião. Donde se segue, que é particular às essências o admitirem pela sua própria mudança estados contrários. Mas é de advertir, que quem admitisse, que o discurso e a opinião são suscetíveis de contrariedade, admitiria um erro, porque nem o discurso, nem a opinião, passam a ser o contrário do que eram, porque lhes sobreviesse alguma coisa, mas porque se aplicam a outro caso, pela simples existência ou inexistência do facto, é que o discurso que a ele se refere se diz ser verdadeiro ou falso; e não porque o mesmo discurso em si admitisse estado contrário ao que era antes; porque em nada absolutamente se acha ter mudado, nem o discurso, nem a opinião. Ora, não tendo eles recebido mudança alguma em contrário, não se podem dizer suscetíveis de passarem a ser o contrário do que eram. Ao contrário porém, as essências, que por isso que recebem modificações contrárias, é que se dizem suscetíveis de estados contrários, como por exemplo, porque é suscetível de doença ou de saúde, de brancura ou de negridão, e assim do resto, é que se diz ser suscetível de contrariedade. Logo é particular às essências, que sendo cada qual delas uma e a mesma em número, pela sua própria mudança passam a ser o contrário do que eram.

42. De modo que é próprio das essências o admitirem estados contrários, vindo elas mesmas a mudarem. Mas o que fica dito bastará a respeito das essências.

Parte 6 — Quantidade

43. Das quantidades, umas são discretas, outras são contínuas; umas constam de partes, que têm certa situação entre si; e outras, cujas partes não são suscetíveis de situação entre si.

44. É quantidade discreta qualquer número, qualquer discurso; e, contínua, a linha, a superfície, o corpo e, além destas, o lugar, e o tempo. Porque as partes do número não têm termo nenhum comum, em que as partes do mesmo número se encontrem. Por exemplo, cinco, considerado como parte de dez, não tem um termo comum em que se encontre com os outros cinco, mas são quantidades discretas. Do mesmo modo, três e sete não se encontram em nenhum termo comum. E em geral é impossível assinar um termo comum, em que se encontrem as partes de qualquer número, mas sempre são discretas. De modo que o número é uma das quantidades discretas. Do mesmo modo o discurso. Ser o discurso quantidade é evidente, porque se mede por sílabas longas e breves. Eu falo do discurso pronunciado, mas não há termo nenhum comum, em que as partes do discurso concorram, pois que as sílabas não se encontram em nenhum termo comum, mas antes ficam discretas entre si. Porém a linha, essa, é contínua e pode-se tomar um termo comum, em que se vem a encontrar as partes de que ela consta, que é o ponto; e da superfície é-o a linha, pois que as partes de um plano se encontram em algum termo comum. Do mesmo modo é sempre possível tomar em qualquer corpo um termo comum, em que as partes concorrem, que é a superfície ou a linha. Outro tanto acontece ao tempo e ao lugar, porquanto o tempo presente pega com o passado, e com o futuro. Por outra parte, o lugar também é do número das quantidades contínuas, porque as partes de qualquer corpo ocupam algum lugar e elas concorrem em um termo comum, logo também as partes do lugar, que ocupam as do corpo, hão de concorrer em o mesmo termo comum, em que as partes do corpo concorrem. Do que se segue, que o lugar é uma quantidade contínua, por isso que as partes, de que ele se compõe, concorrem em um termo comum. Além disso há umas qualidades

que admitem situação, e outras, cujas partes não são suscetíveis dela. Exemplo: as partes da linha têm uma situação respetiva entre si, porque cada uma delas jaz em um lugar; e se pode achar e demonstrar aonde ela jaz no plano, e quais sejam de entre as outras partes, aquelas com que ela concorre no plano. Do mesmo modo as partes do plano têm uma determinada situação entre si, porque também se pode assinar onde jaz cada uma delas, e quais das outras partes são aquelas, com que cada uma concorre. E o mesmo é a respeito dos sólidos e do espaço. Mas quanto aos números, não é possível mostrar que as partes, de que cada qual deles se compõe, tenham certa situação respetiva, nem quais sejam as que se encontram com esta ou com aquela. Outro tanto se pode dizer do tempo, por isso que nenhuma das partes dele fica subsistindo, e como poderia admitir situação aquilo que não subsiste? Mais depressa se poderia dizer que tem uma certa ordem, pois que um é primeiro em tempo, e outro é posterior. E o mesmo é dos números, porque também um se conta primeiro do que dois, e dois do que três. De modo que se pode dizer que têm uma certa ordem, mas não se pode admitir que tenham entre si nenhuma situação. Assim também com as palavras, de que nenhuma parte fica subsistindo mas, uma vez pronunciadas, se não podem tornar a tomar, por onde não são suscetíveis de situação, pela simples razão de não serem subsistentes. De tudo o que se segue, que umas coisas constam de partes, que têm entre si uma certa situação, e outras, cujas partes não são suscetíveis de situação respetiva.

45. Absolutamente falando, só estas, que temos nomeado é que são quantidades. Todas as outras só o são acidentalmente. Porque é em consideração às primeiras, que nós chamamos quantidades a todas as outras. Por exemplo, dizemos da brancura que é muita, atendendo a haver muita superfície branca. E de uma ação dizemos ser extensa, atendendo a ser muito o tempo que da durou. E é deste modo que se diz ter sido o movimento muito. Porém, nenhuma destas coisas é em si mesma uma certa quantidade, porque se alguém houver de dizer em que sentido atribui o quantitativo a uma ação, há de determiná-lo pelo tempo da sua duração, como de um ano, ou outra coisa semelhante. E falando da brancura, como quantidade, há de determiná-la pela superfície, porque quanto maior for a superfície, tanto maior é a brancura. Assim que absolutamente falando só

são quantidades aquelas que acabamos de enumerar; de todas as outras, nenhuma o é por si mesma, mas só por acidente.

46. Além disso, à quantidade nada é contrário. Porque das quantidades determinadas é evidente que não têm contrário, pois nada o pode ser à qualidade de ter dois ou três côvados, ou a uma superfície, ou a qualquer outra coisa semelhante a estas. Exceto se porventura alguém disser que muito é contrário de pouco, e grande de pequeno. Porém, estas expressões não designam quantidades, mas sim relações, porquanto nada é por si mesmo grande nem pequeno, mas somente enquanto se refere a outra alguma coisa. É assim que um monte pode ser pequeno, e grande um grão de painço, por ser este maior que as outras coisas do mesmo género, e aquele, menor. Há, pois, nisto uma comparação porque a não a haver, nunca um monte poderia ser pequeno, nem grande um grão de painço. Outro exemplo: é assim que dizemos haver muita gente em uma Aldeia, e pouca em Atenas, posto que o número desta exceda muitas vezes ao daquela; dizemos haver em casa muita gente, e pouca no teatro, bem que neste haja muitas vezes mais gente que em casa. Além disso, *ter dois* ou *três côvados*, etc., são expressões de quantidade determinadas, mas *ser grande* ou *pequeno* não são expressões de quantidades determinadas, porém sim de relações. Porque grande e pequeno sempre se referem a alguma outra coisa, e logo é evidente que o que designam são relações. Mas quer as ponham entre as quantidades, quer as não ponham, não se pode assinar nada que lhes seja contrário, porque como é que se pode assinar o contrário de uma coisa, que se não considera em si mesma, porém só com relação a outra? Além de que, se grande e pequeno são contrários, acontecerá que uma mesma coisa admitirá ao mesmo tempo dois contrários; e será uma mesma coisa contrária a si mesma, pois que acontece que uma mesma coisa é ao mesmo tempo grande e pequena, grande a respeito de um objeto, e pequena a respeito de outro, e assim a mesma coisa é ao mesmo tempo grande e pequena e, portanto, viria a admitir dois contrários. Mas nada pode admitir dois contrários, à exceção das essências, porque essas parecem poderem admitir contrários. Porém, ninguém pode estar ao mesmo tempo são e doente, ser ao mesmo tempo branco e preto, e assim de outras coisas, que nenhuma admite contrários. E aconteceria que uma coisa seria contrária a si mesma, porque se pequeno é contrário ao grande, como uma mesma coisa pode ser ao mesmo tempo

grande e pequena, viria a ser contrária a si mesma. Ora é do número dos impossíveis que uma coisa seja contrária a si mesma, logo, pequeno não é contrário a grande, nem muito a pouco. De modo que, ainda quando alguém dissesse que estas expressões não pertencem às de relação, mas às de quantidade, nem por isso lhes poderia descobrir contrário. Mais depressa poderia parecer que o lugar, considerado como quantidade, é suscetível de contrários, porque se chama superior o que é contrário ao inferior, referindo-se o inferior a um ponto médio e, determinado o ponto médio, por ser a sua distância aos pontos cardiais do Mundo maior que a dos extremos. E em geral chamam-se contrárias entre si as coisas, que sendo de um mesmo género são, entre as suas congêneres, as que mais distam entre si.

47. Nem tão pouco a quantidade determinada é suscetível de mais nem de menos. Por exemplo, o ter dois côvados, porquanto isto não admite mais nem menos. O mesmo sucede com os números, por exemplo: três não é mais cinco do que cinco, nem mais três do que cinco, e o mesmo é de cinco a respeito de três; nem um determinado tempo é mais tempo do que outro tempo. Em geral, nenhuma das que dissemos serem quantidades, é suscetível de mais ou de menos. Logo as quantidades determinadas não são suscetíveis de mais ou de menos.

48. O que é principalmente particular às quantidades, é o dizerem-se iguais ou desiguais. Porque cada uma das coisas referidas se diz igual ou desigual. O mesmo é de um número ou de um determinado tempo, que também se dizem iguais ou desiguais, e assim também das outras coisas acima mencionadas, das quais todas se diz serem iguais ou desiguais. De tudo o mais porém, que não é quantidade, não tem muito lugar o ser igual ou desigual, como por exemplo: uma afeição não se pode dizer com muito acerto, que é igual ou desigual, mas sim semelhante ou dissemelhante; nem de uma coisa branca se diria bem, ser igual ou desigual em cor, mas antes semelhante ou dissemelhante. De modo que parece ser sobretudo propriedade das quantidades o dizerem-se iguais ou desiguais.

Parte 7 — Relação

49. Chamam-se relativas àquelas coisas que, o que são, são-no de outras; ou por algum modo o são relativamente a outras coisas. Exemplo: *Maior* sempre se diz relativamente a outro, em toda a extensão do significado, porque se diz maior do que alguma outra coisa. Do mesmo modo, o que se diz ser *duplo*, também se diz relativamente a outra coisa, em toda a extensão do seu significado, porque de alguma outra coisa se diz duplo. E assim de tudo o mais. Também pertencem aos relativos expressões tais como hábito, disposição, ciência, situação, porque todas elas, isso que são, são-no de outras coisas, ou por algum modo relativamente a outras coisas e, sem isso, nada significam, porquanto hábito é hábito de alguma coisa e ciência é ciência de alguma coisa e posição é posição de alguma coisa, e assim do resto. Logo isso que são, são-no relativamente a alguma outra coisa, aqueles que se dizem serem de outras, ou de algum modo relativamente a outras, como por exemplo, se diz de um monte, que é grande relativamente a outro, porque só relativamente a outro é que se diz grande. Assim, também o que se diz semelhante, é semelhante a outro. E é deste modo, que todas as outras coisas se chamam relativas. O estado de jazer, de estar em pé, de estar sentado, são certas situações; mas jazer, estar em pé, estar sentado, são expressões que se derivam daquelas situações.

50. Os relativos são suscetíveis de contrário. Exemplo: a virtude é o contrário do vício e cada uma destas expressões é relativa. Do mesmo modo a ciência é o contrário da ignorância.

51. Mas nem todos os relativos são suscetíveis de contrário. Porque a *duplo* não há nada que seja contrário, nem a triplo, nem a nenhuma outra destas coisas.

52. Também parecem ser os relativos suscetíveis de mais, e de menos. Porque semelhante e dissemelhante dizem-se sê-lo mais ou menos. Igual e

desigual também se dizem sê-lo mais ou menos; estas expressões são relativas, porque o semelhante a alguma coisa é semelhante; o desigual é-o a respeito de alguma coisa.

53. Mas nem todos os relativos são suscetíveis de mais, nem de menos. Porque uma coisa dupla não se diz mais ou menos dupla, nem nenhuma das outras coisas semelhantes.

54. Todos os relativos são recíprocos daqueles de quem se dizem. Exemplo: o servo é servo de seu senhor, e o senhor é senhor do seu servo; o duplo é-o da sua metade, e a metade é metade do seu duplo; o que é maior, é-o do que é menor, e o que é menor é-o do que é maior, e assim das demais expressões semelhantes. Às vezes, as expressões correlatas diferem na desinência, como por exemplo, o conhecimento é-o do conhecido; e o conhecido é-o do conhecimento; a sensação é-o do sentido, e o sentido é-o da sensação.

55. Contudo, às vezes, pode parecer que não existe esta reciprocidade, a saber, quando o correlato se não exprime em termos próprios, e isto à proporção que o nome do relativo se afastar do do seu correlato. Exemplo: se se diz que a asa é da ave, nem por isso se pode dizer reciprocamente que a ave é da asa. Porque não têm entre si analogia (*gramatical*) as duas expressões: *asa da ave*, porquanto não é por se dizer *ave*, que se diz ser dela a *asa*, mas porque se diz *alada*, sendo assim que há asas de muitas outras coisas, que não são aves. De modo que se se desse o nome analógico, então haveria reciprocidade, a saber: asa é asa de alado; e alado refere-se a asa. Mas, às vezes, seria necessário formar um nome analógico, quando o não apropriado. Exemplo: se se tratasse do leme de uma embarcação, não seria analógico o nome de leme, porque não é por ela se chamar embarcação, que ao leme se lhe chama assim, pois que há embarcações que não têm leme; e por isso não há reciprocidade entre aquelas duas expressões, nem se diz de uma embarcação que é embarcação de tal leme. Seria porém analógico o nome, se se dissesse ser o leme de um *alemeado*, ou outra expressão semelhante, mas não existe esta, nem outra alguma expressão cognominada; que, se existisse, então haveria reciprocidade, porque se diria ser o *alemeado* de leme. O mesmo é de outras expressões, como por exemplo, falando-se de cabeça, seria mais

analógico dizer cabeça de um capitado, do que dizendo-se cabeça de um animal, porque não é por ter cabeça que é animal, pois há muitos animais que não têm cabeça. Assim acontecendo, não ter uma coisa nome analógico com o do seu correlato, o mais fácil seria dar-lhe nome derivado deste, com quem essa mesma coisa se acha em reciprocidade; como nos exemplos precedentes de asa ou ala, alado; de leme, alemeado. De tudo o que se segue, que todos os correlatos, se se enunciam com propriedade, são recíprocos entre si. Mas se cada um se nomeia ao acaso, e sem analogia com o seu correlato, não pode haver reciprocidade entre eles com propriedade. Digo pois, que mesmo daquelas coisas, que são recíprocas entre si, e que têm nomes cognominados, desaparece a reciprocidade, se em vez de eu enunciar a qualidade correlata de uma delas para a outra, enuncio qualquer outra ao acaso. Exemplo: se querendo-se nomear o correlato de servo, em vez de senhor, se disser homem ou bípede, ou outra coisa semelhante, não poderá haver reciprocidade, porque se não apontou a expressão apropriada. E portanto, se deixando de parte tudo o que é accidental a um dos correlates, se expressar somente o nome apropriado ao do outro correlato, sempre este se poderá afirmar daquele. Por exemplo, tratando-se do servo relativamente a seu senhor, se deixando de parte tudo o que é accidental ao senhor (como o ser bípede, inteligente, homem), se chamar somente senhor, sempre se poderá afirmar deste que outro é seu servo; por isso que o servo é servo do seu senhor. E a razão é que se não enunciarmos só a qualidade apropriada do correlato, deixando de parte todas as outras, ninguém dirá que é correlato. Porque, suponhamos que se diz o servo do homem, e a asa da ave, deixando-se de parte o dizer do homem que é senhor; não se segue que se deva dizer o servo do homem, porque se ele não for senhor, também o outro não é seu servo. Do mesmo modo, omitindo-se o dizer da ave que é alada, não se segue ser correlato de asa, porque não se supondo o ser alado, não se lhe pode referir aquela expressão de asa. De tudo o que se segue, que convém nomear os correlates de uma maneira analógica o que é fácil, quando ambos têm nomes entre si análogos; mas quando os não têm análogos, cumpre muitas vezes criá-los. Ora dados eles, é evidente que existe reciprocidade entre ambos os correlatos.

56. Igualmente parece ser da natureza dos correlatos o existir um, sempre que existe o outro. E, com efeito, assim se verifica pela maior

parte. Porque duplo e metade andam sempre juntos e, se há duplo, é porque há metade. Se há servo, é porque há senhor e, se há senhor, é porque há servo. E à semelhança destas, todas as demais coisas. Igualmente se verifica que, tirado um dos correlatos, se tira também o outro, porque, não havendo metade, não pode haver o duplo, não pode haver coisa a que se dê o nome de metade. O mesmo se pode dizer de todas as outras coisas a estas semelhantes.

57. Mas não é da natureza de todos os correlativos o deverem sempre coexistir. Porque parece que o objeto da ciência deve existir antes da ciência; sendo assim, que pela maior parte primeiro existem as coisas antes, que nós delas tenhamos conhecimentos. E serão poucos, ou nenhuns os casos, em que se verifique, que os objetos começam a existir juntamente com o conhecimento deles. Além disso, não existindo o objeto do conhecimento, também este não pode ter lugar, mas nem por isso que não existe conhecimento, deixa de existir o objeto dele. Por exemplo: da quadratura do círculo não existe a ciência, mas nem por isso deixa de existir o que sobre isto há a saber, se é que se pode saber. Por outro lado, não existindo nenhum animal, também não há ciência, entretanto que nem por isso deixam de existir os muitos objetos de conhecimento. O mesmo acontece com a sensação, pois parece que os objetos sensíveis são anteriores à sensação, visto que, supondo-se não existir o objeto da sensação, também esta não pode existir; mas de não existir a ciência, não se segue que não existam os objetos dela. Porquanto as sensações versam sobre corpos e nos corpos; e na suposição de não existir o objeto sensível, também não existem corpos (porque os corpos são do número das coisas sensíveis). Ora, não existindo corpos, também não pode existir sensação. E, por conseguinte, não existindo o objeto sensível, não existe a sensação; de não existir a sensação, não se segue que não exista o objeto sensível porque, supondo-se não existir nenhum animal, não existirá nenhuma sensação; e contudo existem objetos sensíveis, como os corpos quentes, doces, amargos, e todos os outros quantos são objetos da sensação. Ora a sensação começa a existir com o ente que sente, porque a sensação começa a existir com o animal, e os objetos sensíveis são tão anteriores à sensação, como aos animais; porque o fogo, a água, e mais elementos, de que o animal se compõe, existiam antes de haver animais nem sensação.

Donde com razão parece, que os objetos da sensação são anteriores à mesma sensação.

58. Pode entrar em dúvida, se há alguma essência, que seja do número das coisas relativas; como, com efeito, parece não a haver, ou se isto só acontece com algumas das essências secundárias, porque, quanto às primárias, é certo ser assim. Porque as partes de qualquer essência primária, nem singular, nem coletivamente se podem considerar como coisas relativas, porquanto um certo homem não é certo homem de certo homem; nem um certo boi é certo boi de certo boi. O mesmo é de cada uma das partes, pois se não diz a certa mão de certo homem, porém a mão de certo homem; nem certa cabeça de certo homem, mas a cabeça de certo homem. Assim também acontece com as essências secundárias, quero dizer, pela maior parte, por exemplo: homem não se diz de certo homem, nem boi de certo boi, nem pão de certo pão; bem que qualquer destas coisas se possa chamar propriedade de alguém. Destas é pois claro que não são relativas. Mas há algumas outras essências secundárias, sobre as quais pode haver dúvida, como por exemplo: a cabeça diz-se cabeça de alguém; a mão diz-se mão de alguém, e assim de cada uma das outras coisas semelhantes, de modo que estas com razão podem parecer do número dos relativos. Se, pois, a definição que se tem dado de relativo é acertada, é muito difícil, ou impossível o demonstrar, que nenhuma essência há do número dos relativos. Mas se aquela definição não é exata, e se são relativas aquelas coisas de que se verifica ser o mesmo existirem, que existirem de algum modo a respeito de outra alguma coisa, então poder-se-á talvez dizer que há coisas correlatas destas essências. A primeira daquelas definições sim, se verifica em todos os relativos, mas não é o mesmo serem eles relativos, que serem de outra coisa, isso que eles são em si mesmos. De tudo o que fica manifesto, que se alguém conhecer definitivamente um relativo, também conhecerá definitivamente o seu correlato, e deduz-se claramente do que fica dito, porque se alguém conhece que uma determinada coisa é do número dos relativos, como ser relativo é ser de certo modo a respeito de outra alguma coisa, segue-se que ele também deve conhecer o objeto correlato, a respeito de quem aquele relativo é desse modo; porque se ele não conhece o correlato a respeito do qual o relativo é desse modo, também não conhece que ele lhe é relativo. Isto mesmo se manifesta, discorrendo-se por casos particulares. Por

exemplo; se alguém sabe que uma determinada coisa é dupla, também há de logo saber o de que é dupla porque, se não conhece nenhuma coisa determinada de que ela seja dupla, ignora absolutamente que ela seja dupla. Do mesmo modo, se alguém sabe que uma coisa é mais formosa que outra, também por isso mesmo deve logo saber determinadamente qual seja essa outra, que é menos bela; nem é de uma maneira indeterminada, que ele saberá ser essa coisa mais bela do que a outra, pois que nesse caso, haveria suposição, e não ciência, porque ainda se não conhece exatamente se é mais formosa do que a outra; porquanto, a ser assim, seguir-se-ia não haver coisa pior do que essoutra. De tudo o que fica manifesto, que se alguém conhece determinadamente um relativo, necessariamente conhece também de uma maneira determinada o seu correlato. Ora a cabeça, a mão, e outras semelhantes coisas que são essências, pode-se muito bem conhecer determinadamente o que elas são, sem contudo se seguir necessariamente, que devamos conhecer os objetos, a que se referem, porque não é consequência necessária, que conheçamos determinadamente de quem é a cabeça ou a mão. Logo nenhuma dessas coisas é do número dos relativos. E se nenhuma delas é do número dos relativos, será verdade dizer que nenhuma essência é do número dos relativos. Mas talvez não é fácil o demonstrá-lo evidentemente, não se tendo assiduamente meditado. Não deixa contudo de ter utilidade o questionar sobre cada um destes objetos em particular.

Parte 8 — Qualidade

59. Eu chamo qualidade àquilo por onde se designa quais sejam certos e determinados objetos.

60. Mas a qualidade é do número daquelas palavras, que admitem muitos sentidos. Porquanto há primeiramente uma espécie de qualidades, que é a dos hábitos e afeições. E difere o hábito da afeição, em ser mais diuturno, e mais permanente. Tais são as ciências e as virtudes. Porque a ciência parece ser o número das coisas mais estáveis e menos mudáveis, por pouca que seja a ciência adquirida, uma vez que por doença, ou por outra alguma semelhante causa, não tenha acontecido grande transtorno na pessoa. Do mesmo modo a virtude, como a Justiça, a Temperança, ou qualquer outra semelhante, não parecem ser coisas que mudem facilmente, ou que facilmente variem. Ora chamam-se afeições aquelas que mudam facilmente, e que variam com prontidão, tais como, o calor, o frio, a saúde, a doença, e outras semelhantes coisas. Porque o homem de algum modo está sujeito a elas, e com facilidade muda, passando de quente a frio, e do estado de saúde ao de doente. E o mesmo é dos outros casos. Contudo poderia alguém dizer que uma afeição, que tendo durado muito tempo, se tem convertido em natureza, nem se pode destruir, merece o nome de hábito. Mas nisto mesmo se mostra, que o que se quer entender por hábito, é o que é de maior duração e de mais difícil mudança. Porquanto, falando nós daquelas pessoas que não possuem bastantemente alguma ciência, nunca dizemos que esta seja nelas um hábito, porque umas vezes estão em melhor, outras em pior estado, relativamente à mesma ciência. Por onde difere a afeição do hábito em que a primeira é fácil de mudar e a segunda é de mais duração e da mais dificultosa mudança. Mas todos os hábitos são afeições, posto que nem todas as afeições sejam necessariamente hábitos. Porquanto, aqueles que têm algum hábito, são em certo modo afetados por ele. Ora, de quem está afetado não se pode dizer que tem um hábito.

61. E há uma segunda espécie, que é aquela pela qual dizemos de alguém, que ele é fraco ou que é forte no pugilado, ou na carreira, ou na saúde, ou pela qual em geral afirmamos alguma coisa sobre a força ou a fraqueza própria da natureza de qualquer objeto. Porque de nenhuma destas coisas se diz que alguém está afetado, mas sim que têm a força física ou a impotência de fazer alguma ação ou de não sofrerem alguma paixão. Por exemplo, os que se dizem hábeis no pugilado, ou na carreira, não se dizem tais, porque se achem afetados de um certo modo, mas porque têm a força física de fazerem certas coisas facilmente. Os que se dizem sadios, dizem-se tais, porque têm a força física de não sofrerem facilmente dos acasos que atacam a saúde. E enfermiços os que são dotados da impotência para resistirem a esses mesmos acasos. Semelhantemente a estas expressões se verifica com as de duro e de brando; que se chama duro, porque tem a força de se não partir facilmente, e brando, porque é dotado de impotência para lhe acontecer outro tanto.

62. Há outra terceira espécie de qualidades, que são as qualidades passivas, ou as paixões. Tais são, por exemplo, a doçura, o amargo, o trazo, e outras coisas do mesmo género. E assim também o calor e o frio; a brancura e a negridão. Serem todas estas coisas qualidades, é evidente, porque por elas é que se determina, de que qualidade são os objetos, que delas são suscetíveis. Por exemplo, o mel, por isso que entra na natureza a doçura, é que se chama doce; e um determinado corpo por isso se diz branco, porque nele se verifica a brancura. O mesmo acontece com todas as outras expressões. As qualidades dizem-se passivas, não porque os objetos, em que elas se verificam, padeçam alguma coisa; porque ao mel não se lhe chama doce, porque padece de alguma coisa e assim nos outros semelhantes; como também o calor e a frialdade se dizem qualidades passivas, não porque as substâncias, em que aquelas qualidades se encontram, padeçam de alguma coisa, mas porque,, segundo as sensações que cada qual daquelas qualidades produz, é causa de uma paixão. Pois que a doçura produz uma paixão no gosto, e a frialdade no tato, e assim das demais. Quanto à brancura, à negridão, e às outras cores, sim, se chamam também qualidades passivas, mas não pela mesma razão das que acabamos de falar, mas porque derivam de uma paixão. Que há muitas mudanças de cor, que derivam de alguma paixão, é coisa evidente; pois que o homem que se envergonha se torna vermelho, e amarelo, o que se

toma de medo; e assim nos demais casos semelhantes. De maneira que todas as vezes que alguém houver experimentado alguma destas paixões, por ser isso próprio da sua natureza, também se pode concluir com toda a probabilidade, que tomou aquela mesma cor. Porque é de notar, que a afeção há pouco observada no corpo por ocasião do pejo, também pode verificar-se por efeito da constituição física, e por isso pode também resultar a mesma cor, em consequência da natureza do sujeito. Todos os sintomas pois que assim como os mencionados, tiram a sua origem de alguma paixão durável ou menos sujeita a variar, chamam-se qualidades passivas, quer seja pela própria natureza das coisas (tal como a negridão) por isso que as coisas se dizem tais relativamente a elas; quer seja porque em consequência de uma longa enfermidade, ou por uma queimadura, sobreveio ao sujeito a palidez, ou negridão, de modo que, ou não mudam facilmente, ou talvez duram por toda a vida, pois também nestes casos se chamam qualidades, por isso que, também relativamente a elas, se denominam tais os objetos. Mas os que derivam de paixões que facilmente se desvanecem, e com prontidão se mudam, não se chamam qualidades, mas paixões, pois que nunca os objetos se dizem ser tais relativamente a elas. Assim, do homem que por efeito do pejo se fez vermelho, não dizemos que é vermelho, nem daquele que se tornou pálido por medo, dizemos que é pálido, mas somente dizemos que experimentaram certa paixão. E portanto são aquelas paixões, e não qualidade. Semelhantemente no que respeita à alma, umas se chamam paixões e outras qualidades passivas. Porquanto aquelas que logo na sua origem se acham, terem derivado de paixões, que dificilmente variam, chamam-se qualidades, tais como a alienação mental, a cólera, e outras semelhantes, pois que relativamente a elas se dizem os homens coléricos, maníacos. E do mesmo modo nas demais desordens que se afastam da humana natureza, mas que de tal modo derivam de outros sintomas, que ou são mui difíceis de mudarem, ou são absolutamente inamovíveis, pois todas elas se chamam qualidades, por isso que conformemente a elas se dizem os homens tais. Aquelas porém, que derivam de sintomas que fácil e brevemente mudam, chamam-se paixões, como quando alguém, experimentando um dissabor, se encoleriza, porque em tal caso não se diz que ele é colérico por se ter encolerizado durante aquela paixão, mas antes se diz que ele padeceu alguma coisa. Assim, todas estas coisas se chamam paixões e não qualidades.

63. E há enfim uma quarta espécie de qualidades, que são a figura e as modificações de cada figura. Isto compreende as linhas e superfícies retas ou curvas, e tudo o que a essas formas se assemelha. Porque a todos e a cada um destes respeitos se dizem as coisas *tais*. Assim, o ser triangular, ou quadrangular, é ser *tal*. E do mesmo modo o ser reto ou o ser curvo, cada um segundo a sua respetiva figura, se diz *tal*. Porventura parecerá que o denso e o raro, o liso e o áspero, entram no número das qualidades. Mas a mim parece-me que estas expressões designam coisas alheias da rubrica da qualidade, pois é manifesto que qualquer delas denota mais depressa uma certa disposição de parte. Porquanto, denso denota que as partes estão conchegadas; raro, que estão distantes umas das outras; liso, que estão todas em um mesmo plano; e áspero, que umas estão mais altas, e outras mais baixas. Também parecerá talvez haver mais alguma outra espécie de qualidade. Mas as que ordinariamente assim se denominam são estas.

64. Eis aqui as que se chamam qualidades: chamam-se tais os objetos que por cognominação se dizem a respeito delas, ou por algum outro modo trazem delas o nome, pelo qual os designamos.

65. Da maior parte e de quase todas elas se derivam por cognominação aqueles nomes. Por exemplo: de brancura, branco, de literatura, letra, de justiça, justo, e assim nos demais.

66. Mas em algumas não pode ter lugar a cognominação, porque não existe nome para a respetiva qualidade. Por exemplo: tratando-se de alguém, que possui a habilidade do pugilado, ou da carreira, não existe qualidade nenhuma, donde ele derive competente nome, porque aquelas habilidades não têm nomes, conforme aos quais, o que as possui, se diga tal, do mesmo modo que se chama atlética a ciência do atleta e cursória a do corsador; e conforme aquelas denominações, se chamam tais os que possuem semelhantes ciências. Algumas vezes porém, tendo nome a qualidade, nem por isso se denota cognominada- mente o sujeito que a possui.

67. Em outros, porém, posto que a qualidade tenha nome, o do objeto a que ela se refere, não se deriva dele por cognominação. Por exemplo:

garbo diz-se daqueles que têm maneiras nobres e engraçadas, mas não há expressão cognominada para denotar o sujeito em que se verifica semelhante qualidade. Mas isto acontece em mui poucos casos. Assim, chamam-se *tais* todas as coisas que, por cognominação, derivam seus nomes dos de alguma qualidade.

68. As qualidades são suscetíveis de contrário. Por exemplo: a justiça é contrária à injustiça, a brancura à negridão, e assim as demais. Bem como são contrárias entre si as coisas em que se verificam essas qualidades, por exemplo, justo a respeito do injusto, e branco a respeito de preto.

69. Mas isto não acontece a todas as qualidades. Porque a purpúreo, a amarelo, e a quaisquer cores como estas, nada é contrário.

70. Além disso, todas as vezes que um de dois contrários é qualidade, também o outro o é necessariamente. Isto se conhece claramente recorrendo-se por cada uma das outras categorias. Porque se a justiça é contrária à injustiça, e a justiça é qualidade, também será qualidade a injustiça. Porquanto nenhuma das outras categorias quadra à injustiça, a saber, nem quantidade, nem relação, nem lugar, nem nenhuma outra, senão qualidade. O mesmo se verifica em todos os outros contrários relativamente às qualidades.

71. Também admitem as qualidades mais e menos. Porque de duas coisas brancas se diz ser uma mais ou menos branca do que outra; de duas ações justas, diz-se ser uma mais ou menos justa do que a outra. E até mesmo cada uma delas de per si é suscetível de aumento. Porque uma que é branca pode vir a ser mais branca.

72. Mas não todas, porém sim a maior parte. Porquanto não faltará quem duvide que se possa dizer que uma justiça o é mais ou menos do que outra, ou uma saúde maior ou menos que outra. É verdade que se diz que um tem mais ou menos justiça, mais ou menos saúde do que outro, e semelhantemente de todas as demais afeições. Mas o que daqui se segue é que indubitavelmente se pode aplicar o mais ou menos às coisas que são suscetíveis daquelas qualidades, como se diz, que um é mais gramático,

mais justo ou mais sadio do que outro. E assim nos demais casos semelhantes. Mas um triângulo ou um quadrilátero, ou qualquer outra figura não parece serem suscetíveis de mais nem de menos, porque todas as coisas, a que é aplicável o nome de triângulo ou a de círculo são igualmente triângulos ou círculos; bem como duas coisas, a que não é aplicável a mesma expressão, não se pode chamar uma mais do que a outra, porque um quadrilátero não é mais círculo do que um oval, por isso mesmo que a nenhum deles é aplicável a expressão de círculo. Em geral, todas as vezes que a nenhuma das duas coisas é aplicável uma expressão, nenhuma delas é mais do que a outra, o que esta expressão designa. Donde se segue que nem todas as qualidades são suscetíveis de mais ou de menos.

73. Contudo, nenhuma das sobreditas propriedades é particular às qualidades. O que lhes é particular é a semelhança ou a dissemelhança. Porque ser semelhante ou dissemelhante a nada mais se refere do que a aquilo mesmo, em que se verifica a qualidade de que se trata. Por onde, o que viria a ser próprio das qualidades, seria à semelhança ou dissemelhança dos objetos relativamente a ela.

74. Nem nos cause confusão, se alguém nos observar, que tratando-se aqui das qualidades, enumeramos muitas coisas que pertencem aos relativos; porque dissemos que os hábitos e as afeções pertenciam aos relativos. Porquanto é de notar, que de quase todas essas coisas são os géneros os que pertencem aos relativos; e os indivíduos às qualidades. Porquanto a ciência tomada em geral, isso que é, é-o de alguma outra coisa, porque há de ser a ciência de alguma coisa. Mas tomada em particular, então, isso que é, não o é de outra nenhuma coisa. Por exemplo, a Gramática tomada individualmente não se diz Gramática de alguma coisa, nem a Música, Música de alguma coisa. Tomadas porém genericamente, então pertencem também aos relativos, por exemplo: a Gramática diz-se nesse caso ciência de alguma coisa, mas não Gramática de alguma coisa; e a Música, ciência de alguma coisa, mas não Música de alguma coisa e, portanto, individualmente não são relativas. E segundo cada uma delas em particular é que nós nos dizemos *tais*, por isso que só as possuímos em particular. Assim nos dizemos sábios, porque possuímos algumas das ciências em particular. E portanto, elas só são qualidades tomadas em particular, e porque só conforme a elas tomadas em particular

é que nós nos dizemos tais. Mas então não são relativas. Porém, quando acontecesse encontrar-se uma mesma coisa entre os relativos e entre as qualidades, não haveria nisso absurdo algum, porque pode muito bem uma mesma coisa pertencer a dois géneros diferentes.

Parte 9 — Ação e Paixão

75. Tanto a ação como a paixão são suscetíveis, não só de contrário, mas também de mais e de menos. Porque aquecer é contrário de resfriar, e ter calor é contrário de ter frio. E estar satisfeito é contrário de estar triste. Pelo que são suscetíveis de contrariedade. Quanto a serem suscetíveis de mais e de menos, se vê, porque tanto aquecer, como resfriar, como entristecer-se, são suscetíveis de mais e de menos. Onde se segue, que tanto a ação, como a paixão, são suscetíveis de mais e de menos. E é o que bastará a este respeito. Quanto aos estados, fica dito, quando se tratou dos relativos, que eles derivam por cognominação das situações. E quanto às demais (isto é: ao tempo, ao lugar, e às ações permanentes) são pontos tão fáceis de si mesmos, que não diremos mais nada sobre elas, do que o que ao princípio fica exposto: que a ação permanente é como *calçar-se*, *armar-se*. O lugar é como no *Liceu*, na *Praça*. E assim do mais que sobre cada uma delas fica dito. Pelo que bastará o que temos observado sobre cada uma das espécies que ficam mencionadas.

Parte 10 — Quatro Tipos de Oposição

76. Passando a tratar dos opostos, e de quantos modos as coisas costumam ser opostas entre si, é de saber que há quatro modos de oposição, que vêm a ser: ou como relativos, ou como contrários, ou como privação e efetividade, ou como afirmação e negação. Como exemplos, explicaremos o como são estas oposições. Os relativos são opostos, como por exemplo: o *duplo* à sua *metade*. Os contrários opõem-se, como por exemplo: o *mau* ao *bom*. A efetividade é privação, como por exemplo: a *cegueira* e a *vista*. E quanto à afirmação e negação, como por exemplo: *está sentado*, *não está sentado*.

77. As coisas que são opostas como relativas, isso que são, ou o são dos seus opostos, ou deles se afirmam por alguma outra maneira. Exemplo: o duplo de qualquer quantidade, que é metade dela, o que é, diz-se de outra, porque há de ser duplo de alguma outra coisa. E a ciência opõe-se ao sabido na maneira dos relativos, porque o que a ciência é, diz-se daquilo que pode ser sabido; e o que é sabido afirma-se, tal qual ele é, do seu contraposto, a ciência, porque o que é sabido diz-se ser de alguma coisa, isto é, de alguma ciência. De modo que as coisas, que se contrapõem como relativos, isso que são, ou o são de seus contrapostos, ou se afirmam reciprocamente entre si em alguma maneira.

78. E as que o são como contrárias, não se podem de nenhum modo afirmar umas das outras, mas sim que umas são contrárias das outras. Porque nem o que é bom se diz bom do que é mau, mas contrário a ele; nem o que é branco, se diz branco do que é preto, mas contrário a ele. De sorte que são diferentes as contraposições de umas e outras.

79. Aqueles contrários, de que se verifica que necessariamente há de existir um deles nos objetos a que eles por natureza pertencem, ou de que eles são categorias, não admitem nenhum termo médio; bem como aqueles, dos quais não é forçoso que exista um deles, pode-se-lhe sempre

assinar um termo médio. Exemplo: a doença e a saúde são qualidades próprias do corpo animal, e é forçoso que uma delas exista no corpo animal; ou doença, ou saúde. Par e ímpar são categorias de número, e é forçoso que o número seja par ou ímpar. Em nenhum destes exemplos há meio termo, nem entre a doença, nem entre par e ímpar. Porém, quanto a aquelas, de que não é forçoso que exista uma delas, essas têm termo médio. Por exemplo: é próprio do corpo animal o ser preto ou branco, mas não é forçoso o ser uma ou outra destas duas coisas, porque nem todos os corpos são brancos ou pretos. Bom e mau dizem-se do homem, assim como de muitas outras coisas, mas não é forçoso que uma daquelas duas qualidades exista, porque essas coisas de que se dizem, nem todas são boas, ou más. Em todos estes casos há um termo médio, por exemplo: entre preto e branco há fusco, pálido, e todas as outras cores. Entre bom e mau, o que nem é bom, nem mau.

80. Algumas vezes este termo médio tem um nome (por exemplo: entre o preto e o branco é o fusco, o pálido, e todas as demais cores), mas outras vezes não é fácil o designá-lo com um nome particular e, então, determina-se pela negativa de um dos extremos (por exemplo: o que nem é bom, nem mau; o que não é justo, nem injusto).

81. Tanto a privação como a efetividade referem-se sempre a um mesmo e determinado objeto. Por exemplo: a vista e a cegueira referem-se ambas aos olhos. E em geral do objeto onde costuma verificar-se a efetividade, é que se pode afirmar, ou esta, ou a privação.

82. Quando se diz de alguma coisa, que ela está privada de qualquer efetividade, é nos casos em que nela não existe o que nela por sua natureza devia existir, ao menos no momento de que se trata. Por exemplo: chamamos desdentado, não ao que não tem dentes; e cego, não ao que não vê, mas sim ao que, costumando ter uma ou outra destas duas coisas, lhe falta, no caso de que se trata. Porquanto há muitas coisas, que por sua natureza não são dotadas de vista, nem de dentes, e nem por isso se dizem cegas, nem desdentadas.

83. Mas estar privado, e ter a efetividade, não é o mesmo que a privação, e a efetividade. Porque a vista é efetividade, a cegueira é

privação. Mas o ter vista não é vista, nem o ser cego, cegueira. Porquanto a cegueira é uma privação e o estar cego é estar privado, mas não é a privação. Porque se *cegueira* fosse o mesmo que ser *cego*, ambas estas expressões se poderiam usar indiferentemente em qualquer dado caso. Mas de um homem diz-se *ser cego*, e não se diz *cegueira*.

84. Quanto à oposição entre o estar privado e o ter efetividade, parece ser a mesma que entre a privação e a afetividade, por isso que o modo da oposição é idêntico. Do mesmo modo que a cegueira se opõe à vista, desse mesmo o ser cego se opõe a ter vista.

85. Pela mesma razão, as coisas sobre que recai a afirmação ou a negação, não são afirmação, nem negação. Porque a afirmação é um discurso afirmativo, e a negação é um discurso negativo. Mas aquilo sobre que recai a afirmação ou a negação, não é discurso, é um facto. Contudo, diz-se que estes factos se opõem entre si, assim como a afirmação e a negação, porque também aqui se verifica, que o modo da oposição é o mesmo. Assim como a afirmação se opõe à negação, por exemplo, estar sentado se opõe a não estar sentado, do mesmo modo se opõe o estar alguma determinada pessoa sentada a não estar sentada.

86. Que a privação e a efetividade não são entre si opostos como relativos, é evidente, pois que de nenhuma delas se diz que o que ela é, o é da sua oposta. Porque a vista não é vista de cegueira, nem dela se diz em alguma outra maneira. Do mesmo modo a cegueira não se diz cegueira da vista, mas privação da vista. Além disso, os relativos são todos recíprocos entre si, de maneira que se a cegueira pertencesse aos relativos, seria recíproco daquilo a que se referisse; ora ela não é recíproca, porque se não diz da vista, que é vista de cegueira.

87. Do que fica dito se vê também que a privação e efetividade não são entre si opostas como os contrários. Porque naqueles contrários, que não têm termo, é forçoso que, nos casos em que eles se costumam verificar, exista um deles, pois dissemos que não há meio termo, quando é forçoso que uma das duas coisas se verifique no objeto respetivo, como por exemplo: a saúde e a doença, par e ímpar. daquelas coisas porém, que admitem meio termo, não é forçoso que alguma delas se verifique em cada

um dos casos, em que podem ter lugar. Por exemplo: não é forçoso que seja branco ou preto um objeto que pode admitir qualquer destas coisas, nem que um corpo seja quente ou frio, porque nada obsta a que estas coisas tenham um meio termo. Por outra parte, dissemos que têm meio termo aquelas coisas, das quais não é forçoso que uma delas se verifique no caso em que podem ter lugar. Já se vê que se não fala aqui dos objetos que por sua natureza só admitem uma dessas coisas, como do fogo o ser quente, e da neve o ser branca, porque nesses objetos é forçoso que se verifique uma das duas coisas determinadamente, e não qualquer delas, pois nem o fogo pode ser frio, nem a neve preta. Por onde nestes casos não é forçoso que o objeto, em que uma das duas coisas de que se trata, pode ter lugar, tenha qualquer delas, mas somente aquela de que por sua natureza é suscetível. Ora na efetividade, bem como na privação, nada do que fica dito se pode verificar, porque daquelas coisas, a que por natureza não compete o terem vista, jamais se pode dizer que estão cegos, nem que tenham vista.

88. Seguindo-se, de quanto fica dito, que nem podem pertencer aos contrários que admitem termo médio, nem a aqueles que o não admitem. Porque é forçoso que em todo o objeto suscetível, tanto da efetividade, como da privação, se verifique uma delas. Por exemplo: competindo-lhe por natureza o ter vista, dir-se-á dela que está cego, ou que vê, mas não determinadamente uma das duas coisas, porém qualquer delas, pois não é forçoso que veja, nem que esteja cego, sendo como é suscetível de qualquer das duas coisas. Ora, dos contrários que admitem meio termo, já vimos não ser forçoso que um deles se verifique em todos os casos, em que podem ter lugar, mas somente em alguns, e nesses só e determinadamente um dos dois contrários, e não qualquer deles. Por onde é manifesto que por nenhum dos modos se opõe entre si, como os contrários, aquelas coisas que são opostas como efetividade e privação. Além disso é próprio dos contrários, que, dado o sujeito, este é suscetível de mudar de um deles para outro. Não se fala dos casos em que por sua natureza o sujeito e o contrário são uma e a mesma cousa, como o fogo ser quente. Mas nos demais casos bem se vê, por exemplo, que quem está bom, pode adoecer, que o que é branco, pode passar a ser preto; que o que está frio, pode tornar-se quente; que o que é virtuoso, se pode tomar vicioso; e vicioso o que é virtuoso. Porque o vicioso, uma vez que ele se

aplique a melhores práticas e discursos, não pode deixar de fazer algum progresso, ainda que seja pouco, para se tornar melhor e, uma vez que ele avança, ainda que seja pouco, é evidente que, ou mudará completamente, ou virá a fazer grandes progressos, pois que se vai tornando cada vez mais disposto para a virtude, qualquer que seja o progresso que de princípio tiver feito, donde com razão se espera que os fará ainda maiores e, à medida que isto acontecer, se transformará com inteira e completa mudança, para o hábito contrário. Ora, entre a privação e a efetividade não pode dar-se reciprocidade de mudança de uma para a outra, porque da efetividade para a privação, sim, pode havê-la; mas da privação para a efetividade é impossível. Porquanto, nem uma pessoa que cegou de todo torna a cobrar a vista, nem um a quem radicalmente caíram os cabelos, lhe hão de tornar a nascer, nem um que perdeu de todo os dentes, os torna a recobrar.

89. As coisas que são entre si opostas, como afirmação e negação, é evidente que o não podem ser por nenhum dos referidos modos, porque nelas somente se verifica que de necessidade uma há de ser verdadeira, e a outra falsa; entretanto, que nem nos contrários, nem nos relativos, nem na privação e efetividade se verifica, que dos opostos um haja de ser necessariamente verdadeiro e o outro falso. Exemplo: a saúde e a doença são contrárias entre si, mas nenhuma delas é verdadeira nem falsa. Do mesmo modo, o duplo e a sua metade são opostos em razão de relativos, mas também nenhum deles é verdadeiro nem falso, e assim também as coisas que se compreendem nas rubricas de efetividade ou de privação, como a vista e a cegueira, ou em geral toda e qualquer expressão desligada, pois em todas elas se verifica, que nem são verdadeiras, nem falsas, no qual caso estão todas as mencionadas, porque todas elas são ligadas. Contudo, poderia parecer que com mais razão ainda se poderia dizer isso das expressões ligadas e entre si contrárias, porquanto: *Sócrates está bom* é contrário a *Sócrates está doente*, e também não é forçoso que destas expressões uma seja verdadeira e a outra falsa. Existindo Sócrates, sim, é forçoso que uma delas seja verdadeira, e a outra falsa. Mas, não existindo ele, ambas são falsas, porque tão falso é estar Sócrates bom como o estar doente, quando ele absolutamente nem existe. Quanto aos casos de efetividade e de privação, não existindo o sujeito, nenhum deles é verdadeiro e, existindo, não se segue, que um deva ser verdadeiro e o outro

falso, por exemplo: ter vista e estar cego são entre si opostos, em razão de efetividade e privação, porque ter Sócrates vista e ser Sócrates cego, são coisas entre si opostas, como efetividade e privação, e não é forçoso que uma seja verdadeira e a outra falsa; quando naturalmente nele ainda se não podia verificar nenhuma delas, ambas eram falsas, e quando ele absolutamente não exista, tão falso é dizer-se que vê, como que é cego. Mas quanto a afirmação e negação forçosamente há de uma ser verdadeira e a outra falsa, quer o sujeito exista, quer não. Porquanto *estar Sócrates doente* e *não estar doente*, são expressões das quais, existindo ele, uma é evidentemente verdadeira e a outra falsa e, não existindo, é falso o *estar doente*; e é verdade *não estar doente*. De modo que são estes casos de afirmação e negação os únicos opostos, de que é próprio que um deles há de ser forçosamente verdadeiro ou falso.

Parte 11 — Ainda os Contrários

90. Ao bem é necessariamente contrário o mal (isto se faz manifesto pela indução de casos particulares, como: a doença à saúde, a injustiça à justiça, semelhantemente a covardia ao valor, e assim nos demais casos). Porém, ao mal umas vezes é contrário o bem, outras vezes é-o outro mal (porque à penúria, que é um mal, é contrária à superfluidade, que é outro mal, e a ambas é contrária a mediania, que é um bem). Contudo, este último caso em poucos se verifica; pela maior parte, o contrário do mal é o bem.

91. É de notar, que de dois contrários não é necessário que, existindo um, deva existir o outro. Porque se todo o mundo lograsse saúde, haveria saúde, e não haveria doenças. Do mesmo modo, se todas as coisas fossem brancas, existiria brancura, e não haveria negridão. Além disso, se o *estar Sócrates bom* é contrário a *estar Sócrates doente*, e não tem lugar que nele se verifiquem ao mesmo tempo ambas as coisas, já se vê que não se segue, de existir um contrário, que deve também existir o outro, pois, que verificando-se estar Sócrates bom, não tem lugar o estar ele mesmo doente.

92. É fácil de compreender que os objetos de dois contrários devem ser idênticos, tanto em género, como em espécie. Porque tanto a doença como a saúde verificam-se no corpo animal; a brancura e a negridão no corpo em geral, e a justiça, bem como a injustiça, na alma do homem.

93. E portanto é de necessidade, que de dois contrários, ou se compreendam em um mesmo género, ou em géneros contrários, ou que eles sejam géneros por si mesmos. Porque *Branco* e *Preto* compreendem-se em um mesmo género, que é a cor. A *justiça* e *injustiça* compreendem-se em géneros contrários, porque o género de uma é a *Virtude*, e o da outra é o *Vício*. E *Bom* e *Mau* não se compreendem em nenhum outro género,

mas antes eles é que são géneros, em que outras expressões se compreendem.

Parte 12 — Prioridade

94. Quatro são os modos, porque uma coisa se diz ser primeira do que outra: o primeiro e o principal é em razão do tempo (é neste sentido que uma coisa se diz mais velha ou mais antiga do que outra, por isso que há mais tempo decorrido). O segundo, é quando, devendo-se concluir da existência desta a daquela, não se pode concluir reciprocamente (exemplo: um é primeiro que dois, porque, dado que existem duas coisas, segue-se que existe uma, mas de existir uma, não se segue que existam duas; de modo que não há reciprocidade, para que da existência de um se possa concluir a do outro; neste caso, parece ser *primeiro* aquele em quem se não verifica a reciprocidade). O terceiro, é quando se diz primeiro em razão de alguma determinada ordem (como acontece com as Ciências e Discursos, porque nas Ciências demonstrativas há coisas que na ordem devem ser primeiras, e outras que devem vir depois; porque os princípios são primeiro do que as proposições e, na Gramática, as letras primeiro que as sílabas; do mesmo modo nos discursos, porque o exórdio é na ordem primeiro do que a narração). E, além destes, que ficam ditos, parece ser primeiro por natureza o que é melhor e mais estimado. Porque os homens costumam dizer que são primeiros aqueles que entre eles são mais honrados e bem-queridos, se bem que esta espécie é de todas a mais heterogênea. Mas nestas se compreendem os diferentes sentidos, da palavra primeiro.

95. Poderia lembrar, que além dos quatro referidos, ainda existe outro quinto modo de prioridade; porque de duas coisas, das quais dada a existência de uma se conclui a da outra, e reciprocamente, aquela de entre ambas, que de algum modo é causa de existência da outra, com razão se poderia chamar primeira por sua natureza. Haver alguma coisas tais, é evidente, porque o *ser homem* é intrinsecamente recíproco de *existir*; sendo assim que esta segunda se segue verdadeira e necessariamente da primeira, porquanto se é verdade o dizer-se de alguém, que é homem, também é verdade o dizer-se que existe; e reciprocamente se é verdade o dizer-se de

um homem que ele existe, também é verdade dizer-se que é homem. Mas ser verdadeiro o discurso, não é causa do facto que nele se afirma, antes o facto é causa de ser o discurso verdadeiro ou falso.

96. E neste sentido poder-se-ia dizer, que são cinco os modos porque uma coisa se pode denominar primeira do que outra.

Parte 13 — Simultaneidade

97. Chamam-se conexas as coisas, no sentido mais amplo, e principalmente, quando a sua formação é acontecida no mesmo tempo, de modo que uma não é anterior, nem a outra posterior, e chama-se-lhes simultâneas, ou conjuntas em tempo.

98. Chamam-se porém conexas por natureza aquelas cuja dependência é tal, que, dada a existência de qualquer delas, se pode seguramente concluir a da outra, sem que, contudo, uma seja causa da existência da outra. Exemplo: o duplo e a sua metade, que são recíprocos entre si, pois que existe o duplo, deve existir a metade; e se existe a metade, deve existir o duplo, e contudo nenhum deles é causa da existência do outro. Também se dizem conexas por natureza as coisas que pertencem ao mesmo género, posto que se distingam e se oponham umas às outras. Mas diz-se que se distinguem e se opõem as que se compreendem em uma mesma rubrica, assim como *alado* se distingue e contrapõe a *terrestre* e a *aquático* porque, entretanto que pertencem a um mesmo género, se distingue e contrapõe. Porquanto *Animal* se distingue em todas aquelas espécies, a saber: em alados, em terrestres, e em aquáticos, dos quais nenhum é anterior nem posterior ao outro, mas todos eles parecem ser simultâneos. Igualmente se poderia subdividir cada um destes em outras espécies. Donde se segue que são também conexas aquelas coisas que têm um género comum, e entram em uma mesma rubrica. Ora os géneros em tanto se dizem anteriores às suas respectivas espécies enquanto a reciprocidade que há destas para eles, quanto à conclusão da existência, se não verifica deles para elas, porque de existir um aquátil, segue-se que existe um animal, mas de existir um animal, não se segue que existe um aquátil. Logo também são naturalmente conexas as coisas que, sem serem uma causa de existência da outra, têm entre si reciprocidade quanto à conclusão da existência. Bem como as que pertencendo ao mesmo género, são espécies distintas, e em geral são conexas todas as coisas que, por sua natureza, começam a existir ao mesmo tempo.

Parte 14 — Seis Tipos de Movimento

99. As espécies que há de movimentos, são seis, a saber: formação, destruição, aumento, diminuição, transformação e mudança de lugar. É claro que todas estas espécies diferem umas das outras, porquanto a geração não é corrupção nem o aumento é diminuição, ou mudança de lugar, e o mesmo é das outras. Quanto porém à transformação, pode entrar em dúvida se o que se transforma não experimenta alguma das outras espécies de movimento, no ato da transformação. Mas seria erro o afirmá-lo, porque a experiência nos mostra que todas, ou a maior parte, das nossas paixões, se transformam umas nas outras, sem que se verifique nenhuma das outras espécies de movimento. Porque aquele que experimenta o movimento de qualquer paixão, nem por isso cresce ou diminui, e o mesmo se pode dizer das outras espécies de movimentos. É logo a transformação um movimento diferente dos outros porque, se fosse idêntica com alguma das outras espécies, seria forçoso que aquele que se transforma, aumentasse ou diminuísse, ou experimentasse alguma das outras espécies de movimentos, o que não é assim. Do mesmo modo, seria forçoso que aquele que cresce, se transformasse; entretanto, que muitas coisas crescem sem se transformarem, como por exemplo: se a um quadrilátero se lhe acrescentar um gnómon, fica aumentado mas não transformado, e assim nos demais casos semelhantes. Donde se vê que as mencionadas espécies de movimentos são todas diferentes umas das outras. Em geral, o contrário do movimento é a quietação. Mas cada uma das espécies mencionadas tem seu contrário particular. Assim, o contrário da geração é a corrupção; o do aumento é a diminuição; e o da mudança de lugar é a quietação no mesmo lugar, posto que pareceria dever-se dizer que também e com mais propriedade, o é o movimento para a parte contrária, como por exemplo, ao de ascenso o de descenso, e ao descenso o de ascenso. Mas à outra espécie de movimento (a transformação), não é fácil assinar-se o que lhe possa ser contrário, e até parece que nem o pode haver, a menos que alguém lhe não contrapusesse a cessação da respetiva qualidade, ou a mudança para a qualidade contrária; bem como à mudança

de lugar se contrapõe a quietação no mesmo lugar, ou o movimento para a parte contrária, visto que a transformação é uma mudança de qualidades. De modo que viria a ser o contrário ao movimento ou mudança das qualidades, tanto a quietação ou permanência delas, como o movimento ou mudança para as qualidades contrárias, como por exemplo, o ser preto a ser branco, porque se transforma mediante a mudança para uma qualidade contrária.

100. Também são muitos os sentidos da palavra ter, porque se diz de qualquer efetividade ou disposição, ou em geral, de qualquer outra qualidade. Porque dizemos que temos (ou possuímos) tal ciência, ou tal virtude. Diz-se das quantidades (exemplo: o que tem uma certa grandeza, como quando se diz ser de três ou de quatro côvados). Diz-se dos acidentes externos ao corpo todo (como de um vestido, de uma túnica), ou a uma parte dele (como de um anel). Diz-se das partes do corpo (como da mão, do pé). Diz-se das vasilhas (como a medida a respeito de trigo, o vaso a respeito do vinho, porque da medida se diz que tem trigo e, do vaso, que tem vinho). Diz-se do que se possui (porque dizemos ter uma casa, ou um campo... também se diz de um homem que ele tem uma mulher; e de uma mulher, que ela tem um homem, caso este que parece oferecer um sentido muito diferente da palavra ter, do que os que ficam referidos, porque aqui não se significa senão coabitar). Talvez se poderiam ainda achar outros sentidos da palavra ter, mas os que se costumam usar são pouco mais ou menos os que ficam enumerados.

ARISTÓTELES

CATEGORIAS



